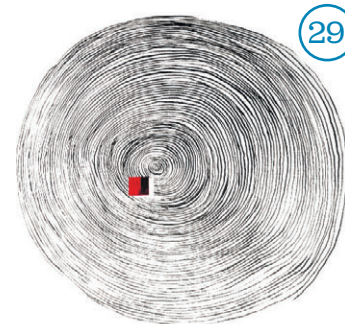


/// CÍRCULO DE ESTUDOS DO CENTRALISMO



AS OPINIÕES NÃO VINCULAM O CÍRCULO

ASSOCIADO CONVIDADO



POR

Teresa Albuquerque
Diretora-delegada da Fundação
da Casa de Mateus

Ancorada no território...



Polo territorial com uma longa história de cinco séculos, a Casa de Mateus é notável exemplo de continuidade e desenvolvimento.

A Fundação da Casa de Mateus administra um património que é um exemplo de reinvestimento e aposta numa economia regional, solidamente ancorada no território.

A origem do património à guarda da Fundação remonta a um período anterior ao Morgadio de Mateus, instituído em 1641, logo após a Restauração da Independência. Este legado foi consistentemente enriquecido ao longo de sucessivas gerações de administradores da Casa, até à instituição da Fundação da Casa de Mateus que, tendo sido formalizada no dia 3 de dezembro de 1970, celebra este ano o seu 55.º aniversário.

De matriz originalmente fundiária, foi o turismo que, ao longo das últimas décadas, foi substituindo a economia primária que moldou a identidade da Casa e permitiu a preservação do essencial deste património ao longo de séculos. É hoje inevitável associar o sucesso deste empreendimento ao gesto assertivo e cosmopolita que presidiu à construção da própria Casa, concluída em 1744 com a intervenção do arquiteto italiano Nicolau Nasoni.

A imponente adega, cerca de um século mais antiga do que a Casa, é representativa da importância dessa econo-

mia assente na produção de vinho, em particular de vinho do Porto, que se começou a produzir no século XVII e que teve direito a Região Demarcada em 1756.

Hoje, a Casa de Mateus, Fundação com missões de interesse social, continua a ser uma casa do Douro associada à sua matriz identitária de raiz agrícola e produção vinícola, ancorada no território. O envolvimento da Fundação, no início do século XXI, na criação da Lavradores de Feitoria, Vinhos de Quinta, SA, de que é acionista, foi a forma encontrada para dar continuidade e sentido a esta tradição agrícola, contribuindo para formas inovadoras de organização e associação que procuram dar resposta aos desafios que a região enfrenta, entre a perda de valor do benefício, as profundas transformações no mercado do vinho e as consequências das alterações climáticas.

Este legado complexo é fruto de uma visão consolidada numa continuidade rara, vital e dinâmica em que se conjugou uma forma de estar local, mas “sem paredes”, com o pensamento e a cultura a entrelaçarem-se nas contingências daquilo que hoje designamos “interior”.

O ciclo “Cultura em Diálogo” e os seminários “Repensar Portugal”, iniciados em 1978 pelo meu pai, Fernando Albuquerque, e Vasco Graça Moura, inscrevem-se numa tradição muito antiga que remonta ao período da monarquia dual, entre os séculos XVI e XVII, com as chamadas “Cortes na Aldeia”, descritas por Francisco Rodrigues Lobo, em 1619, nas quais teimosamente se praticava o exercício de reflexão e reconhecimento identitário que dá substância à nossa soberania. O seu significado confunde-se com o legado da Fundação da Casa de Mateus, na medida em que o propósito do instituidor, D. Francisco de Albuquerque, foi manter uma tradição que vai muito para lá da “musealização” de um acervo e que procura manter a Casa viva construindo, preservando e difundindo em permanência a sua própria cultura em todas as suas modalidades.

Como refere Fernando Mascarenhas (1945-2014) no “Sermão ao meu sucessor”, a tradição não consiste em repetir o passado, mas em reinterpretá-lo e em renová-lo estabelecendo com o presente um diálogo que tanto dá sentido ao passado como ilumina o futuro. É na compreensão da mudança que se mantém o essencial da tradição.

Polo territorial com uma longa história, a Casa de Mateus conseguiu manter-se como exemplo de continuidade. Talvez o segredo esteja na forma como cultivou, ao longo dos séculos, a capacidade de somar e conjugar uma especificidade intrinsecamente local, com uma cultura fortemente europeia, como condição primeira para a sua própria afirmação.